

BALAIO DE PÓLVORA Nº7

Aperiódico Libertário – Cultura Social & Política – jan-mar/2006

“Todos os sistemas políticos faliram. Resta o anarquismo, estudaí-o!”

(José Oiticica)

Só há um meio de conquistar a liberdade em uma sociedade autoritária



SENO INSUBMISSO!!!

INSUBMISSO 1-Não submisso; altivo, independente: & 2 - Cidadão que foi convocado para o serviço militar e não se apresentou às autoridades.. (Dicionário Aurélio)

Controle social ou A Mão que Bate é a Mesma que Afaga

Incoerente com as expectativas divulgadas pelo governo em relação à redução do número de desempregos, o jornal Folha de São Paulo, em publicação antes de encerrar o ano de 2005 (25/12/2005), em chamada de 1º página “**Renda Salarial Cai e Pobre Depende Mais de Governo**”, tendo como alusão que os miseráveis necessitam cada vez mais de programas sociais para sobreviver. Ao adentrar na referida manchete, temos a seguinte nota: “O processo de exclusão do mercado de trabalho da população extremamente pobre no Brasil se intensificou de 1995 a 2004. nesse período o rendimento médio dos trabalhadores que se encontram entre os 10% mais pobres caiu 39,6% ao mesmo tempo em que aumentou a dependência dos programas sociais de governo.

Em 1995, 89% da renda dessa população vinha do trabalho. Em 2004, essa porcentagem caiu para 48%, ou seja, mais da metade da renda do trabalhador mais pobre no Brasil não vinha de sua atividade no mercado de trabalho”. Com essa citação podemos notar e perguntarmo-nos será realmente que houve aumento de empregos? Redução de desemprego?

Em tempos passados em que as greves revolucionárias do começo do século XX seguida das paralisações por reivindicações por melhores salários e melhores condições de trabalho eram vistas e ouvidas nas ruas, o Estado para controlar essas manifestações e organizações operárias utilizava-se de um velho método que sempre foi perito a violência, a brutalidade, a agressão policial. Hoje para ter melhor controle sobre a população, principalmente os mais pobres, antigos operários, construtores de nossos luxos e moradias, hoje desempregados, muitos na miséria, o mesmo Estado que oprimia hoje cria programas sociais, como o Bolsa Família, Bolsa Escola, Fome Zero visando “o bem estar” desta população. Ainda na mesma Folha de São Paulo, vejamos as palavras da economista Lena Lavinas, da UFRJ: “O pior desenho de política de combate à pobreza que a gente pode ter é justamente essa que condiciona o benefício a um nível de rendimento extremamente baixo. O beneficiado não pode ter mobilidade social porque, se aumenta sua renda, terá que abrir mão da bolsa. Como abrir mão de algo que é permanente para trocá-la por algo instável?”

Programas que como podemos perceber são amarras para os pobres, tornando-os submissos e imóveis, tornando-os seres controláveis, lembrando que são as pessoas das classes mais baixas o principal contingente de eleitores, resumindo, a miséria acaba sendo um grande negócio para o sistema capitalista e a manutenção do Estado.

Em 1901 José Oiticica, futuro militante anarquista já escrevia, questionando as “boas intenções” do Estado e concluía: “A conclusão a tirar é que à iniciativa do Estado, sempre nociva, cumpre substituir a iniciativa particular, sempre reveladora. Na escola das necessidades, a tenacidade e o reconhecimento do próprio valor, a fé e a coragem na atividade de cada um são os incentivos mais poderosos e mais fecundos, que o homem pode encontrar.

Sujeitar-se ao sôpro retardatário dos cofres públicos para entrar em combate e recuar amedrontado nas pugnas, quando lhe faltar o bafejo, é condenar-se o indivíduo à vegetação desonrosa, que, longe de ser uma obra de caridade e uma obrigação da parte do Estado, é, pelo contrário, um exemplo detestável e mau”.

Reconhecemos que e a escravidão o pior dos males e não a pobreza, como disse Bakunin, não viver de esmolas e organizar-se em comunidades, bairros, escolas, trabalhos, formas alternativas para derrubar essa farsa e monstruosa abstração chamada Estado. Desperte e Lute! Não seja mais um cúmplice dessa miséria!

Charles de Andrade

POR UMA ORGANIZAÇÃO ANÁRQUICA

Diante da catastrófica situação do mundo capitalista com suas diversas mazelas, e, em nível nacional, uma política institucional corrupta, nossa crítica libertária se encontra provida de argumentos, espelhados não em meras especulações filosóficas, mas nos fatos do cotidiano. Será que se trata apenas de um período de crise da “esquerda brasileira”?

Para nós, anarquistas e libertários, não se trata disso; os últimos acontecimentos envolvendo as políticas de Estado constataam que mudanças, por vias parlamentares, através de processos eleitorais são extremamente inviáveis. Frente a toda essa desordem, resistimos, com as visões ácratas de uma sociedade nova, onde a prática da **autogestão se apresenta como uma peça importante para as engrenagens de uma verdadeira transformação social.**

O que vem a ser “autogestão”? ao pé da letra quer dizer: “*Administração de uma empresa pelos próprios trabalhadores*”, mas na prática, o que seria? Numa determinada localidade, a autogestão possibilitaria as pessoas terem poder de decisão sobre os assuntos que envolvem suas próprias vidas, nas mais diversas esferas do cotidiano. As práticas autogestionárias se dão também no âmbito de trabalho, onde os próprios trabalhadores têm sob seu controle as fábricas, as terras e os setores de serviços, onde desaparecem as relações hierárquicas e a figura grotesca do patrão.

Nos locais de trabalho, o espectro do desemprego é algo que esvazia o sentimento de solidariedade das classes trabalhadoras, fazendo-as lutar entre si, ao invés das mesmas se unirem contra os setores que detêm diversos poderes. Um indivíduo que se encontra desempregado devido às escassas ofertas de emprego, com certeza sabe desempenhar uma determinada função que lhe é satisfatória, mas quando consegue um serviço, nem sempre é colocado nessa função, mas naquela que convém ao empregador (patrão).

Será que não seria melhor, tal indivíduo trabalhar na área em que têm mais aptidão e, dessa forma, transformando sua ação em algo agradável produzindo mais e melhor? Isso seria possível através da autogestão, sendo que essa última poderia ser uma saída para o problema do desemprego em massa.

Aí, muitos perguntam: Será que num determinado local onde a autogestão funcionasse, seria possível suportar as pressões exteriores do capitalismo? Um exemplo hipotético. Num determinado bairro, a população resolve trabalhar de forma coletiva, se autogerindo, através de uma igualitária distribuição de funções e benefícios, eliminando, assim a dependência em relação aos órgãos municipais. O tempo passa e aquele exemplo começa a incomodar os poderes instituídos, tais como empresários e vanguardas partidárias, que resolvem realizar um trabalho de boicote naquele bairro. O boicote dá resultados destrutivos e todo o trabalho de base realizado por aqueles moradores vai por água abaixo.

Vemos, com isso, que tal colapso não acontece pela prática em si da autogestão, mas do isolamento a que ficou submetido tal bairro. Isso demonstra que sua “auto suficiência” é algo impossível de ser alcançado, numa sociedade tão complexa quanto a nossa. Vamos supor que existam várias unidades numa determinada cidade, região ou país vivendo sob o regime da autogestão e seria possível não ocorrer tal bancarrota.

Nesse ponto é que complementamos as práticas da autogestão, com o **federalismo**, que pode ser uma extensão da autogestão para a política. Mas, aqui, não se trata de política estatal, mas sim, das relações políticas do dia a dia. Ao federalismo caberia a integração das várias unidades autogestionadas, numa coordenação de ações, trocas recíprocas através do apoio mútuo entre elas, bem como a livre associação entre indivíduos pertencentes a um determinado local. Seu funcionamento se dá através de assembleias, onde as pessoas decidem por si só, sem políticas arbitrárias de um determinado político ou partido ou mesmo de um grupo de especialistas.

Em períodos estipulados, através de acordos haveria assembleias populares em que, cada unidade federada enviaria um representante (delegado), com pautas para discussões e debates com representantes das demais unidades. A autogestão, através da coletivização de terras e da tomada das fábricas pelos trabalhadores, sob orientação dos princípios anarquistas, demonstrou sua eficácia no período da revolução espanhola (1936-1939).

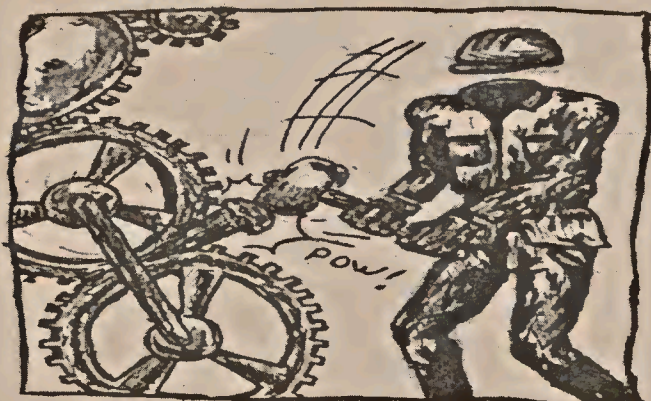
A autogestão, em conjunto com práticas do federalismo, no âmbito da política, elimina poderes manipuladores, bem como intermediários. Assim quando se pratica a mesma, todo poder econômico, político e social, escapa das mãos de oportunistas, tais como políticos e suas respectivas siglas partidárias, bem como padrões exploradores. Quem verdadeiramente conhece as condições de vida dos moradores das periferias? Serão eles mesmos, ou serão pessoas que sentam-se em confortáveis gabinetes e, nos dias que antecedem as eleições apelam para o apoio dessa mesma população nas urnas?

Para nós, somente se organizando de forma anárquica, através da autogestão, do apoio mútuo, da democracia direta e do federalismo é que o povo terá condições de ser o sujeito de sua emancipação. Não pretendemos aqui, elaborar um “manual de transformação” e, muito menos, esgotar os assuntos que foram tratados, mas somente iniciar discussões sobre a temática da “autogestão generalizada” e apresentarmos suas propostas como viáveis e, sobretudo, como alternativas ao atual e caótico sistema. Vale a pena lembrar que a autogestão é mais uma ferramenta de luta, unida com outras formas de ações que venham complementá-la. Várias foram às experiências, mobilizações e soluções práticas dos anarquistas em períodos históricos, bem como a atualidade, onde os mesmos apresentam propostas válidas frente ao capitalismo.

(Luciano Mx Araraquara/SP - Contato: thbakrav@hotmail.com)

Expressões Libertárias

Talvez a arte seja a maior forma do individuo se expressar livremente, sem intervenção de outros na proposta de construção. Seja ela escrita, rabiscada, grafitada, modelada, reciclada, enfim das mais diferentes formas ela é livre, a maneira mais livre de expressar os pensamentos e sentimentos. Desprezamos mestres que buscam formar artistas padronizados, desestruturando, suas expressões, sentimentos, reflexões, questionamentos, etc... Segue abaixo algumas expressões enviadas pelo companheiro Fábio.



BALAIÓ DE PÓLVORA - Caixa Postal 89 - Agudos/SP - Cep 17.120-000 - anarcaipira@bol.com.br

Editorial...

Enfim mais um número de Balaio de Pólvora, neste número tratamos de questões diversas que acreditamos ser materiais e temas que possam ajudar o leitor na reflexão crítica visando uma sociabilidade mais justa e harmoniosa, não somente entre os anarquistas mas uma relação igualitária universal.

Neste ano teremos eleições para presidente, governador, deputados, senadores, ou seja, já há vários abutres rodeando a carniça (poder). Historicamente e contemporaneamente, nós anarquistas propagamos o voto nulo e a destruição do Estado, acreditamos na autogestão, na ação direta, federalismo, mutualismo, na solidariedade, e nunca no governo do homem sobre o homem e nem na pedagogia do mandar e obedecer, acreditamos na suprema liberdade individual e a atuação coletiva desta (liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de iniciativa, liberdade de auto-determinação, liberdade de realização,...) votamos nulo pois não acreditamos num salvador da pátria (muito menos do mundo), por isso insistimos, por isso persistimos a existir, incomodando o sono dos inocentes....

Obs: No texto da 1ª página ao nos referirmos a José Oiticica, o mesmo irá se declarar enquanto anarquista apenas no ano de 1912.

Alguns contatos, para maiores informações ácratas:

Coletivo Anarquista Terra Livre - Cx. postal 195 - Cep 01.059-970 - SP/SP

FARJ (Federação Anarquista do Rio de Janeiro) - Cx. Postal 14576 - cep 22.412-970 - RJ/RJ

UFI (União Feminista do Interior) - a/c Nisley Ciacareli R: Chicrala Abraão, 215 - Vale do Sol - Cep 15.045-100 - S.J. do Rio Preto/SP

Fenikso Nigra - Cx. postal 5005 - cep 13.036-970 - Campinas/SP

CRAP - Cx. postal 584 - Cep 14.801-970 - Araraquara/SP

LIGA SINDICAL OPERÁRIA E CAMPOUESA

LSOC

"Autogestão, Federalismo e Ação Direta"

Se na sua cidade o sindicato não faz nada é porque não tem compromisso com o trabalhador.



VOCÊ PODE MUDAR ISSO!

Reúna um grupo de amigos, discutam seus problemas e maneiras de resolve-los.



A Liga sindical operária e camponesa é diferente dos sindicatos onde o trabalhador é utilizado como massa de manobra para projetos políticos-partidária. A LSOC é o próprio trabalhador unido e organizado, tomando suas próprias decisões sobre suas vidas.

Queremos o fim da exploração do homem pelo homem.

Fale com a LSOC:
lsoc@riseup.net
cx.postal XXX
cep: XXXXX-XXX
Presidente Prudente -SP



Solidariedade...

Segue abaixo carta do livre pensador e professor João Bernardo endereçada ao reitor da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), em solidariedade aos 7 alunos expulsos do campus de Franca, daquela instituição, devido a manifesto realizado perante o Reitor unespiano. Esta carta circulou pelo Comando Estudantil e nos foi enviada pelos companheiros do CELMA (Coletivo de Estudos Libertários de Marília)

Belo Horizonte, 18 de Novembro de 2005

Magnífico Reitor da Universidade Estadual Paulista

Venho pedir a cassação das expulsões decretadas contra os estudantes do campus de Franca: Bruno Levorin, Petras Antonelli, Tamara Nepomuceno, Felipe Luiz, Tais da Silva, Marcus da Conceição e Rafael Zanatto.

Como não pretendo ocupar-lhe mais do que alguns escassos minutos, esta é a argumentação em que fundamento o meu pedido.

Sou português, escritor, com numerosos livros publicados em Portugal e no Brasil, além de outros países, e desde 1984 tenho sido convidado regularmente a leccionar em várias universidades públicas brasileiras em cursos de pós-graduação.

Nó entanto, também eu fui expulso da universidade, há exactamente quarenta anos, em 1965, quando era aluno do primeiro ano do Curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fui proibido de frequentar durante oito anos a totalidade das universidades portuguesas, a pena mais elevada aplicada durante todo o regime salazarista. A lista das acusações que me foi endereçada era de considerável extensão, mas de todas elas eu ressalto aqui uma, a de ter agredido fisicamente o reitor da Universidade de Lisboa e dois funcionários que tentaram interpor-se. Pratiquei assim um acto de violência directa, prática, e não meramente simbólica como aquele de que estão acusados os sete alunos do campus de Franca.

E quais foram os resultados da minha expulsão? Ela fez de mim um autodidata, ou seja, lançou-me para formas não académicas de pesquisa e de conhecimento. Além disso, excluindo-me das instituições de ensino, consolidou em mim uma profunda hostilidade a todo o tipo de instituições oficiais e converteu-me para sempre num radical. E apesar disso aqui estou eu, com uma carreira académica, dando aulas em universidades. Nem sequer isto a minha expulsão conseguiu impedir. Para mim ela serviu muito, mas sob o ponto de vista das autoridades não valeu para nada!

Por estes motivos, e com perfeito conhecimento de causa, baseado na minha própria experiência, peço que seja cassada a expulsão dos sete alunos do campus de Franca. Fazer vítimas é, evidentemente, incómodo para as vítimas. Mas, sob o ponto de vista da ordem estabelecida, não me parece que seja a melhor política. Se eu não tivesse sido expulso, seria hoje muito possivelmente um professor de ideias convencionais e postura moderada, em vez de ser quem sou. Não virá a suceder o mesmo com os sete expulsos? É este o risco.

Peço-lhe, Magnífico Reitor, mais uns minutos de paciência.

A editora da Unesp está a publicar a obra completa de Maurício Tragtenberg. Devo muito ao Maurício, autodidata e radical como eu, grande amigo, grande debatedor, a pessoa que inspirou o primeiro convite que me foi feito para leccionar no Brasil. E recordo-me de ele me mostrar uma fotografia tirada numa visita de Benjamin Péret, onde ao lado desse conhecido poeta surrealista francês se podem ver, entre outras pessoas, Mário Pedrosa e Maurício Tragtenberg. Recordo-me também de outra fotografia, mais antiga, publicada em *La Révolution Surréaliste*, o órgão dos surrealistas franceses, onde se vê o poeta e um padre de sotaina com ar assustado, com a legenda «*Benjamin Péret insultant un curé*». E conta-se que ele não só insultava os padres, mas cuspiá-lhes também. Isto vem hoje nas histórias de literatura, é ensinado por professores e estudado por alunos, passou a fazer parte dos *curricula*. Talvez seja uma injustiça, mas nas revoltas poéticas são os nomes dos autores que a história regista, não os de quem sofreu o insulto.

E esta é mais uma razão que invoco, Magnífico Reitor, para que seja adoptada uma atitude prudente, evitando-se a expulsão dos sete alunos do campus de Franca.

Com os meus melhores cumprimentos,

João Bernardo
(Doutor pela Unicamp)

ALIMENTE SUA REVOLTA - LEIA!

Editora Achiamé (Revista LetraLivre) - Cx Postal 50083 - CEP 20050-970 - RJ/RJ

Editora Imaginário - R: Ciro Costa, 94 - conj. 1 - Perdizes - CEP 05007-060 - SP/SP

Editora Opúsculo Libertário - Cx Postal 15 - CEP 11401-970 - Guarujá/SP

Editora Index Librorum Prohibitorum - Cx Postal 4147 - CEP 01061-970 - SP/SP

Editora Faisca - Cx postal 1731 - CEP 01009-972 - SP/SP